



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

A contribuição cultural dos Japoneses na caracterização espacial do Município de Registro-SP

Maringá

2008

ALESSANDRO AOKI

A contribuição cultural dos Japoneses na caracterização espacial do Município de Registro-SP

Professora Orientadora:

Prof^a.Dra. Maria das Graças de Lima

Maringá

2008

Esse trabalho de Conclusão de curso dedico a:

Deus, e aos
antepassados familiares;
Meus pais, Luiz e Nair, a
minha irmã Adriana e a
Colônia Japonesa de Registro.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, que ao longo da minha graduação proporcionaram grande bagagem de conhecimento.

A orientadora Prof^a.Dra. Maria das Graças de Lima, que me apoiou e incentivou a desenvolver esse trabalho de conclusão de curso.

Aos descendentes entrevistados que foram gentis em fornecer informações para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos centros informativos, que forneceram materiais importantes para realizar o trabalho.

Aos amigos de sala, que estiveram juntos durante esses quatro anos no curso de Geografia, turma 2005.

EPÍGRAFE

"Ter um ideal é ter fé inabalável naquilo que não se vê, mas cuja existência se aprende intuitivamente"

Masaharu Taniguchi

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, realizou a caracterização espacial pela Colonização Japonesa no Município de Registro – SP. Para isso alguns momentos históricos foram levantados, como aspectos relacionados á época em que os japoneses ainda no seu país, onde enfrentavam dificuldade devido ao processo de transição política, econômica e social. Conseqüentemente lançaram-se á busca de novas oportunidades de trabalho, e o Brasil foi á terra escolhida por muitos, o que deu início ao processo migratório além mar. Fundaram a primeira colônia Japonesa, e Registro foi o palco desse processo, que teve como atores sociais esses imigrantes, iniciando o processo de caracterização através da assimilação de suas culturas e tradições. Essa caracterização está relacionada à manifestação das formas reproduzidas e desenvolvidas a imagem e semelhança, remetendo as origens Asiáticas. Assim foram localizados e representados em diferentes pontos da cidade, aspectos da paisagem que representaram e ainda representam os vários momentos da vida dos Japoneses, uma vez que essa tem constante estímulo nos processos dinâmicos da região. Dessa forma o que se buscou foi o registro das influências deixadas pelos Japoneses ao longo de 100 anos de história desde sua chegada, ocupação, organização e produção do espaço geográfico no Município de Registro-SP.

PALAVRAS-CHAVES: Caracterização Geográfica, Colonização Japonesa, Registro-SP.

ABSTRACT

The completion of this work of course, made the characterization space colonization by the Japanese in the city of Registro - SP. Here are some historical moments were raised as issues related to the time that the Japanese still in their country, which faced difficulties due to the political transition, economic and social. Consequently launched to search for new job opportunities, and Brazil was the land chosen by many, which initiated the process migration overseas. Founded the first Japanese colony, and registry was the stage of this process which led to social actors such immigrants, starting the process of characterization through the assimilation of their cultures and traditions. This characterization is related to expressions of the forms reproduced and developed the image and likeness, referring to Asian origins. Once found and represented in different parts of the city, aspects of the landscape that represented and still represent the various moments of life for Japanese, since it has a constant stimulus dynamic processes in the region. Thus what was sought was the register of the influences left by the Japanese over 100 years of history since their arrival, occupation, organization and production of the geographical area in the city of Registro-SP.

KEY WORDS: Characterization Geographic, Japanese colonization, Registro-SP.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Rota da viagem..... | 24 |
| Figura 2 - Chegada dos imigrantes ao Porto de Santos..... | 25 |
| Figura 3 – Imigrantes na Hospedaria em São Paulo..... | 26 |
| Figura 4 – Partindo no trem para as fazendas de café..... | 28 |
| Figura 5 – Japoneses na fazenda de café | 28 |
| Figura 6 - Sede da Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha..... | 30 |
| Figura 7 – Japoneses em Iguape..... | 35 |
| Figura 8 – Porto Fluvial de Registro..... | 39 |
| Figura 9 – Família Aoki na lavoura de café em Registro..... | 40 |
| Figura 10 – Mapa de localização dos lotes rurais..... | 43 |
| Figura 11 – Fazenda de café de Torazo Okamoto em 1934..... | 45 |
| Figura 12 – Plantação de Chá..... | 46 |
| Figura 13 – Fábrica de chá em Registro..... | 47 |
| Figura 14 – Japoneses na lavoura de banana..... | 48 |
| Figura 15 – Sede da cooperativa de Cotia..... | 52 |
| Figura 16 – Antiga cooperativa de Registro..... | 53 |
| Figura 17 – Complexo esportivo do RBBC..... | 55 |
| Figura 18 – Igreja anglicana em meados de 1920..... | 56 |
| Figura 19 – Igreja anglicana atualmente, patrimônio histórico..... | 56 |
| Figura 20 – Igreja matriz em construção..... | 57 |
| Figura 21 – Igreja matriz atualmente..... | 57 |
| Figura 22 – Templo Budista | 58 |
| Figura 23 – Sede da Seicho-no-ie em Registro..... | 59 |
| Figura 24 – KKKK restaurado..... | 60 |
| Figura 25 – Bunkyo de Registro, centro de recreação nipônica..... | 61 |

| | |
|--|----|
| Figura 26 – Praça Nakatsugawa, homenagem à cidade irmã no Japão..... | 62 |
| Figura 27 - Monumento Guaracuí de Tomie Othake | 64 |
| Figura 28 – Monumento Caminhos da liberdade | 64 |
| Figura 29 – Monumento O rei do chá..... | 65 |
| Figura 30 – Monumento Portal do sol | 65 |
| Figura 31 – Monumento Brilho eterno..... | 66 |
| Figura 32 – Monumento Chave do cosmos..... | 66 |
| Figura 33 – Galeria comercial estilo arquitetônico japonês..... | 67 |
| Figura 34 – Antiga casa restaurada em ponto comercial..... | 68 |
| Figura 35 – Comerciante pioneiro da cidade | 68 |
| Figura 36 – Setor de serviços administrados por descendentes..... | 69 |
| Figura 37 – Comércio de móveis..... | 69 |
| Figura 38 – Ruas da cidade em homenagem aos japoneses | 70 |
| Figura 39 – Casa de imigrante japonês | 71 |
| Figura 40 e 41 – Arquitetura oriental..... | 72 |
| Figura 42 e 43 – Detalhes da casa localizada em vila rural..... | 72 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - número de imigrantes e seus respectivos locais de origem..... | 23 |
| Quadro 2 – Mapa da área de estudo..... | 50 |
| Quadro 3 - Eventos durante o ano em comemoração a colonização Japonesa no Município..... | 62 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 – INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1.1 – METODOLOGIA..... | 17 |
| 2 – O PROCESSO MIGRATÓRIO..... | 18 |
| 2.1 – Algumas considerações que levaram os japoneses a migrar..... | 19 |
| 2.2 – Escolha dos japoneses pelo Brasil..... | 21 |
| 2.3 – Momentos antes de partir..... | 22 |
| 2.4 – A caminho do Brasil..... | 23 |
| 2.5 – Chegada dos imigrantes ao Brasil..... | 26 |
| 3 – DA IMIGRAÇÃO A COLONIZAÇÃO..... | 30 |
| 3.1 – Surgimento da colônia agrícola núcleo Iguape..... | 32 |
| 3.2 – Divisão da colônia de Iguape: formação do núcleo Katsura..... | 35 |
| 3.3 – Formação do núcleo Registro..... | 38 |
| 3.4 – Formação da Vila Rural (MURA)..... | 41 |
| 3.5 – A pratica da agricultura na colônia de Registro..... | 44 |
| 4 – OS JAPONESES NA CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL E URBANO DE REGISTRO..... | 49 |
| 4.1 – Marcas da historia em Registro..... | 71 |
| 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 73 |
| Referencias Bibliográficas..... | 75 |
| Glossário..... | 78 |

ALESSANDRO AOKI

A contribuição cultural dos Japoneses na caracterização espacial do Município de Registro-SP

Orientadora:

Prof^a.Dra. Maria das Graças de Lima

Maringá

2008

Esse trabalho de Conclusão de curso dedico a:

Deus, e aos
antepassados familiares;
Meus pais, Luiz e Nair, a
minha irmã Adriana e a
Colônia Japonesa de Registro.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, que ao longo da minha graduação proporcionaram grande bagagem de conhecimento.

A orientadora Prof^a.Dra. Maria das Graças de Lima, que me apoiou e incentivou a desenvolver esse trabalho de conclusão de curso.

Aos descendentes entrevistados que foram gentis em fornecer informações para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos centros informativos, que forneceram materiais importantes para realizar o trabalho.

Aos amigos de sala, que estiveram juntos durante esses quatro anos no curso de Geografia, turma 2005.

EPÍGRAFE

"Ter um ideal é ter fé inabalável naquilo que não se vê, mas cuja existência se aprende intuitivamente"

Masaharu Taniguchi

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, realizou a caracterização espacial pela Colonização Japonesa no Município de Registro – SP. Para isso alguns momentos históricos foram levantados, como aspectos relacionados á época em que os japoneses ainda no seu país, onde enfrentavam dificuldade devido ao processo de transição política, econômica e social. Conseqüentemente lançaram-se á busca de novas oportunidades de trabalho, e o Brasil foi á terra escolhida por muitos, o que deu início ao processo migratório além mar. Fundaram a primeira colônia Japonesa, e Registro foi o palco desse processo, que teve como atores sociais esses imigrantes, iniciando o processo de caracterização através da assimilação de suas culturas e tradições. Essa caracterização está relacionada à manifestação das formas reproduzidas e desenvolvidas a imagem e semelhança, remetendo as origens Asiáticas. Assim foram localizados e representados em diferentes pontos da cidade, aspectos da paisagem que representaram e ainda representam os vários momentos da vida dos Japoneses, uma vez que essa tem constante estímulo nos processos dinâmicos da região. Dessa forma o que se buscou foi o registro das influências deixadas pelos Japoneses ao longo de 100 anos de história desde sua chegada, ocupação, organização e produção do espaço geográfico no Município de Registro-SP.

PALAVRAS-CHAVES: Caracterização Geográfica, Colonização Japonesa, Registro-SP.

ABSTRACT

The completion of this work of course, made the characterization space colonization by the Japanese in the city of Registro - SP. Here are some historical moments were raised as issues related to the time that the Japanese still in their country, which faced difficulties due to the political transition, economic and social. Consequently launched to search for new job opportunities, and Brazil was the land chosen by many, which initiated the process migration overseas. Founded the first Japanese colony, and registry was the stage of this process which led to social actors such immigrants, starting the process of characterization through the assimilation of their cultures and traditions. This characterization is related to expressions of the forms reproduced and developed the image and likeness, referring to Asian origins. Once found and represented in different parts of the city, aspects of the landscape that represented and still represent the various moments of life for Japanese, since it has a constant stimulus dynamic processes in the region. Thus what was sought was the register of the influences left by the Japanese over 100 years of history since their arrival, occupation, organization and production of the geographical area in the city of Registro-SP.

KEY WORDS: Characterization Geographic, Japanese colonization, Registro-SP.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Rota da viagem..... | 24 |
| Figura 2 - Chegada dos imigrantes ao Porto de Santos..... | 25 |
| Figura 3 – Imigrantes na Hospedaria em São Paulo..... | 26 |
| Figura 4 – Partindo no trem para as fazendas de café..... | 28 |
| Figura 5 – Japoneses na fazenda de café..... | 28 |
| Figura 6 - Sede da Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha..... | 30 |
| Figura 7 – Japoneses em Iguape..... | 35 |
| Figura 8 – Porto Fluvial de Registro..... | 39 |
| Figura 9 – Família Aoki na lavoura de café em Registro..... | 40 |
| Figura 10 – Mapa de localização dos lotes rurais..... | 43 |
| Figura 11 – Fazenda de café de Torazo Okamoto em 1934..... | 45 |
| Figura 12 – Plantação de Chá..... | 46 |
| Figura 13 – Fábrica de chá em Registro..... | 47 |
| Figura 14 – Japoneses na lavoura de banana..... | 48 |
| Figura 15 – Sede da cooperativa de Cotia..... | 52 |
| Figura 16 – Antiga cooperativa de Registro..... | 53 |
| Figura 17 – Complexo esportivo do RBBC..... | 55 |
| Figura 18 – Igreja anglicana em meados de 1920..... | 56 |
| Figura 19 – Igreja anglicana atualmente, patrimônio histórico..... | 56 |
| Figura 20 – Igreja matriz em construção..... | 57 |
| Figura 21 – Igreja matriz atualmente..... | 57 |
| Figura 22 – Templo Budista | 58 |
| Figura 23 – Sede da Seicho-no-ie em Registro..... | 59 |
| Figura 24 – KKKK restaurado..... | 60 |
| Figura 25 – Bunkyo de Registro, centro de recreação nipônica..... | 61 |

| | |
|--|----|
| Figura 26 – Praça Nakatsugawa, homenagem à cidade irmã no Japão..... | 62 |
| Figura 27 - Monumento Guaracuí de Tomie Othake | 64 |
| Figura 28 – Monumento Caminhos da liberdade | 64 |
| Figura 29 – Monumento O rei do chá..... | 65 |
| Figura 30 – Monumento Portal do sol | 65 |
| Figura 31 – Monumento Brilho eterno..... | 66 |
| Figura 32 – Monumento Chave do cosmos..... | 66 |
| Figura 33 – Galeria comercial estilo arquitetônico japonês..... | 67 |
| Figura 34 – Antiga casa restaurada em ponto comercial..... | 68 |
| Figura 35 – Comerciante pioneiro da cidade | 68 |
| Figura 36 – Setor de serviços administrados por descendentes..... | 69 |
| Figura 37 – Comércio de móveis..... | 69 |
| Figura 38 – Ruas da cidade em homenagem aos japoneses | 70 |
| Figura 39 – Casa de imigrante japonês | 71 |
| Figura 40 e 41 – Arquitetura oriental..... | 72 |
| Figura 42 e 43 – Detalhes da casa localizada em vila rural..... | 72 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - número de imigrantes e seus respectivos locais de origem..... | 23 |
| Quadro 2 – Mapa da área de estudo..... | 50 |
| Quadro 3 - Eventos durante o ano em comemoração a colonização Japonesa no Município..... | 62 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 – INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1.1 – METODOLOGIA..... | 17 |
| 2 – O PROCESSO MIGRATÓRIO..... | 18 |
| 2.1 – Algumas considerações que levaram os japoneses a migrar..... | 19 |
| 2.2 – Escolha dos japoneses pelo Brasil..... | 21 |
| 2.3 – Momentos antes de partir..... | 22 |
| 2.4 – A caminho do Brasil..... | 23 |
| 2.5 – Chegada dos imigrantes ao Brasil..... | 26 |
| 3 – DA IMIGRAÇÃO A COLONIZAÇÃO..... | 30 |
| 3.1 – Surgimento da colônia agrícola núcleo Iguape..... | 32 |
| 3.2 – Divisão da colônia de Iguape: formação do núcleo Katsura..... | 35 |
| 3.3 – Formação do núcleo Registro..... | 38 |
| 3.4 – Formação da Vila Rural (MURA)..... | 41 |
| 3.5 – A pratica da agricultura na colônia de Registro..... | 44 |
| 4 – OS JAPONESES NA CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL E URBANO DE REGISTRO..... | 49 |
| 4.1 – Marcas da historia em Registro..... | 71 |
| 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 73 |
| Referencias Bibliográficas..... | 75 |
| Glossário..... | 78 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a questão da influência Japonesa sobre uma região criando uma forte identidade cultural ao longo de cem anos de história no Brasil. O tema "caracterização espacial da cultura japonesa no Município de Registro – SP: um estudo geográfico", traz a tona a questão do imigrante japonês, que com o intuito de realizar-se financeiramente vieram se aventurar numa terra longínqua, onde se instalou, dando início á produção do espaço ambientalmente de caráter oriental.

Para Ferreira (2007 p.45) "Estes migrantes também são produtos, conteúdos do espaço geográfico, e, de alguma forma, são produtores e reprodutores dele". Dessa forma evidencia – se forte influência no território pelos imigrantes japoneses, uma vez que esses à medida que se consolidavam, reproduziam no local as semelhanças da sua terra natal.

O conteúdo deste estudo será dividido em três capítulos, retratando momentos vividos pelos imigrantes, desde sua chegada ao Brasil á fixação em novas terras, passando de imigrante a colono, construindo desta forma uma identidade cultural fortemente caracterizada.

O primeiro capítulo relata um breve histórico da chegada de imigrantes japoneses no país, no início do século XX, a bordo de navios e que desembarcavam no Porto de Santos, e se dispersavam por diferentes regiões do país. O Estado de São Paulo foi á região de maior concentração, onde eram direcionadas as fazendas de café, onde havia carência de mão de obra, cabendo a esses novos imigrantes se introduzirem como força de trabalho.

Esse fenômeno de imigração teve grande fluxo a partir da década de 20, sendo considerada a época de maior leva de estrangeiros.

O segundo capítulo trata da questão da consolidação dos Japoneses no território paulista, onde fundaram um núcleo de colônias, sendo uma dessas a colônia de Registro, iniciada por volta do ano de 1912. Quatro anos depois pelo grande contingente de Japoneses na região, o governo Japonês, através de acordos com o governo Brasileiro fundou a companhia de colonização em Registro, com o intuito de povoar o local.

Segundo Braga (1998) "o governo paulista firmou contrato com a" Companhia Imperial Japonesa de Imigração "visando à colonização da região".

Ainda dentro da abordagem do capítulo 2, há a questão do trabalho desses japoneses na colônia, que diferente dos primeiros imigrantes, os quais trabalhavam

apenas na lavoura de café por contrato, esses novos imigrantes vieram com o intuito de trabalhar com a lavoura na sua própria terra, comprada sob títulos da companhia de terras KKKK (Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha) Companhia Ultramarina de Empreendimentos S.A.

Começava a consolidação dos Japoneses no território, pois uma vez instaladas, iniciaram-se no campo da agricultura, apesar do sistema ser diferenciado do seu país de origem, tiveram auxílio do KKKK, que preocupados em desenvolver a região, procuraram estabelecer seus vínculos de cooperação.

Com grande contingente de Japoneses em Registro, aproximadamente 450 famílias, sendo a maioria instalada em lotes da companhia de terras, constituíram uma organização denominada de Mura, na tradução significa Vila Rural do Japão, onde o trabalho na lavoura era basicamente familiar. O Mura, em Registro era dividido em cinco Bairros Rurais, denominados Itchibu, Nibu, Sambu, Yonbu e Gobu, no dialeto Japonês, significando em Português os números de um a cinco. Cada numero havia um líder, o qual era responsável pela comunidade, de organizar o bairro, levando as informações obtidas nas reuniões formadas entre as comunidades de japoneses da região.

Com a formação dessa comunidade rural, e as formas diferenciadas de produzir e comercializar, os japoneses acabaram por criar uma espécie de "Habitat Japonês", através da composição do Mura.

A agricultura da colônia Japonesa de grande expressão, sem dúvida foi o Chá e a Banana, os carros chefes de produção da região. O chá tipicamente trazido e cultivado por Japoneses por volta dos anos de 1919, teve grande êxito no desenvolvimento agrícola do Município, pois as condições climáticas favoreciam o vegetal, trazendo excelentes índices econômicos.

Para Braga (1998) A partir da década de 1930, os cultivos do chá e da banana, impulsionados pelos colonos japoneses, irão se desenvolver na região, reincorporando-a ao mercado capitalista.

O terceiro capítulo retrata a caracterização espacial, ou seja, a influência e produção do espaço pelos Japoneses, uma vez que, já estavam consolidados e adaptados ao novo lugar, reproduzindo suas atividades tanto no campo como na cidade, dado pelas novas gerações, ou seja, filhos dos imigrantes, que passaram a dominar o cenário urbano, inserindo-se no comércio e na política, porém mantendo seus costumes e tradições de seus antepassados.

A inserção de fato da produção agrícola Japonesa no mercado capitalista se deu com a criação de Cooperativas agrícolas, onde todo o produto gerado pela colônia era escoado para a empresa, que por sua vez, fazia a intermediação com o comércio interno e externo. Tinham na sua maioria pequenos agricultores, portanto havia uma diversidade de produtos agrícolas.

Segundo Ono (1966), "Essa cooperativa, através de seu desenvolvimento, foi colocando sob a sua organização as colônias de Japoneses, localizadas em todo o Estado de São Paulo, e que se dedicam à agricultura nas regiões periféricas das cidades, passando de uma organização locacionada para uma organização de ligações humanas, metamorfoseando-se em uma cooperativa que engloba no seio as produções, de um lado, de cunho capitalista, e de outro, de pequena produção de mercadoria".

A cooperativa Agrícola de Cotia, citado acima, foi organizada a moldes do Japão, com isso, detinha as características de vila rural, ou seja, de cooperação entre os associados, na tentativa de não serem explorados por intermediários. Porém com o tempo e a entrada dos não japoneses, faz com que a empresa perca as características da essência japonesa, pois entram brasileiros e nísseis, segunda geração de Japoneses, os nascidos no Brasil, com isso alteram-se as relações de mercado, e se perdem as qualidades da vila rural, de cooperação mútua entre os associados.

A inserção do Níssei no meio urbano foi inevitável, uma vez que tinham suas formações escolares e acadêmicas em instituições brasileiras, dessa forma tornaram-se diferentes profissionais no mercado de trabalho, não se restringindo mais ao campo, ainda que muitos administrassem os dois trabalhos.

Os Nísseis passa a se consolidar na cidade, passando de agricultor a comerciante, trabalhando com diferentes ramos, desde restaurantes, lojas de variados tipos, e serviços especializados, como consultórios médicos, clínicas odontológicas, escritório de advocacia entre outros. Outro fato importante é que apesar do Níssei estar inserido no meio ocidental, mantém preservadas suas essências orientais, como suas tradições e culturas, pois, ainda realizam diversas cerimônias clássicas japonesas, como eventos comemorativos ao longo do ano, reunindo Japoneses e brasileiros curiosos pela cultura Oriental.

Outras características podem ser presenciadas como a arquitetura das casas dos Japoneses Imigrantes, além do Templo Budista, sendo uma reprodução perfeita do Japão, tanto na construção como na contemplação dos cultos. Ainda há a presença de praças públicas típicas com elementos orientais, a mais famosa é a Praça Nakatsugawa, nome dado em homenagem à cidade de mesmo nome no Japão. Recentemente, alguns artistas

plásticos, como a presença de Tomie Othake e Yutaka Toyota, que estiveram na cidade de Registro, deixando sua homenagem como monumentos comemorativos em referência a imigração japonesa, são diversos construídos em diferentes partes da cidade.

O Município de Registro apresenta diferentes aspectos relacionadas à cultura japonesa, uma vez que, os Japoneses que habitam esse lugar são considerados os pioneiros do desenvolvimento local, construíram uma identidade cultural que no presente ano de 2008, somam-se cem anos de história, com muitos feitos e reconhecimentos que o levam o status de cultura marcante no espaço brasileiro.

O relativo estudo remete a área das Ciências Humanas, pois o objetivo é apresentar o contexto da imigração japonesa, num foco de caracterização espacial, ou seja, a influência de uma etnia sobre um dado território, dessa forma produzindo o espaço.

A escolha desse tema e conseqüentemente desse lugar, justifica-se ao ponto em que sendo neto de uma família de pioneiros Japoneses, desembarcado no Brasil em 1928, vieram para a cidade de Registro assim como outros na tentativa de melhorar as condições de vida, e com muita luta, compraram terras, dando início a uma saga que ainda continua viva através das futuras gerações.

Portanto considero de grande importância elaborar essa dissertação de conclusão de curso, pois contribuirei para elucidar aos outros descendentes, e a aqueles que buscam um pouco mais de informação em torno dessa cultura oriental, como se deu o processo de colonização Japonesa, bem como seu dinamismo na atuação local, transformando a moldes asiáticos, e tornando-se um ponto de referência a turistas dos mais diferentes lugares.

1.1 - PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O procedimento metodológico adotados para viabilizar o desenvolvimento do estudo, considerou o levantamento de campo e a revisão bibliográfica; o levantamento de documentos oficiais (escritos e iconográficos); e o levantamento de informações por meio de questionários e entrevistas abertas.

O levantamento bibliográfico foi realizado na biblioteca da Universidade Estadual de Maringá e na Biblioteca Municipal de Registro. Mesmo reconhecendo a amplitude da produção bibliográfica, delimitaremos a pesquisa a essas duas bibliotecas e caso seja necessário buscaremos informações em fontes derivadas. A revisão bibliográfica foi acompanhando o trabalho à medida que auxiliou o esclarecimento de questões estudadas.

Para o levantamento de documentos oficiais que contribuíram para esclarecer a emigração japonesa e a organização espacial impressa por essa ocupação, foram realizadas nos Centros Culturais Japoneses; nos Clubes Filantrópicos e por antigos moradores da cidade, que cederam conteúdos essenciais para o desenvolvimento do trabalho, como fotos, e antigos documentos.

As entrevistas e questionários foram utilizados para realizar resgates históricos. Assim sendo foram levantadas as notícias contidas em arquivos de jornais impressos, materiais escritos produzidos pelas colônias; entrevistas com os descendentes dos primeiros emigrantes japoneses da região.

As expressões da cultura japonesa localizadas no município foram mapeadas (igrejas, casas residenciais e comerciais, monumentos, associações, praças, entre outros, expressos tanto na paisagem urbana e rural).

O procedimento adotado e concluído acima para o desenvolvimento do estudo, pretende garantir o tratamento das informações levantadas tanto no trabalho de campo, quanto nos trabalhos de gabinete maior veracidade ao estudo.

CAPÍTULO 1

2 - O PROCESSO MIGRATÓRIO

Pensar em processo migratório é pensar em mudança, deslocamento de um lugar para o outro, por diferentes motivos, sejam eles por questões econômicas, busca por melhores condições financeiras, sejam em qualquer parte do mundo, ou mesmo por lazer, pela opção de um lugar mais apto as necessidades daqueles que o escolhem.

Suzuqui (2007 p. 35) As migrações resultam, portanto, de um processo de mudanças em consequência de uma redistribuição espacial da população, sendo identificados como condicionantes desse processo; a busca de uma melhor condição de vida, a situação do país emissor e o interesse do país receptor.

Assim podemos evidenciar que a migração está vinculada mais ao termo econômico, pois expressa a possibilidade de busca de melhores condições financeiras, sob o custo de deslocamento a áreas longínquas, como foi à emigração Japonesa ocorrida no início do século XX, época em que grande contingente de asiáticos migrou para o ocidente, com perspectivas positivas de realizar seus objetivos, e o conseqüente retorno a sua terra natal.

2.1 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES QUE LEVARAM OS JAPONESES A MIGRAR

Esse processo migratório deriva de uma situação problema em que o Japão passara na época, em fins do século XIX, num tempo em que o país vivia em período feudal, caracterizada como a era Meiji, pós 1868.

Os problemas eram de caráter agrícola, gerada pela superpopulação residente no campo, que estavam a mercê de impostos elevados, posto por proprietários que faziam da exploração humana seu modo de captar maiores recursos financeiros.

Esse fato dificultou muito a vida dos camponeses que, dependendo dessa renda que por sinal era insignificante, fez com que muitos desses buscassem trabalhos extras em outras propriedades, com isso tinham seu tempo praticamente ocupado pelo trabalho.

Quanto às terras, eram compostos por grandes e pequenos proprietários, conhecidos essa última como a classe abastada, o qual era negligenciado. A posse da terra era feita por sucessão, com isso o filho primogênito, herdava as terras bem como toda a fortuna. Assim os demais filhos que não tinham nenhum direito de posse, teriam que buscar oportunidades para ganhar a vida.

Nakane, (1969), É uma prática muito comum na zona rural do Japão, a posse, por parte do filho sucessor, de toda propriedade enquanto outros filhos, sem receber nenhuma parcela dos bens, deixam à casa dos pais em procura de sua própria fortuna em algum lugar.

Esses que eram deserdados tinham algumas opções, poderiam permanecer na família, ou mesmo ser adotados por outras, mas, contudo sua ascensão social era difícil, pois seu trabalho era baseada apenas nos afazeres da propriedade agrícola, cuja remuneração tornava quase impossível sua estabilidade financeira.

Outra opção era a emigração ou migração interna, dentro do próprio país, com isso muitos se encaminhavam aos centros urbanos, isso já durante a Era Tokugawa, em fins do século XIX e início do século XX. Era um período em que o Japão entrava numa nova economia deixando de ser Feudal para entrada do Industrial.

Esse período marcado pela industrialização, teve a influência Ocidental nos métodos operacionais do novo estado que surgira após o período feudal. É a entrada do Japão no capitalismo, que através de acordos comerciais com estrangeiros proporcionaram esse feito, porém sua economia não era dependente desse capital externo, uma vez que isso poderia levar a uma possível submissão e provável fracasso, como a dependência nacional, como ocorrera na China.

Conforme Vieira (1973, p.26), "O governo Japonês precavia-se contra os empréstimos do estrangeiro, porque temia que esse capital estrangeiro pudesse forçar o desenvolvimento econômico do país (...)".

Diante essa precaução o governo Japonês fizera investimento maciço na indústria, bem como o capital privado, gerando condições propícias para seu desenvolvimento, e com o Estado como auxílio desses, era possível ter assistência técnica, subsídios e crédito fácil aos investidores.

O estado passou a ser o maior provedor dos serviços nacionais, pois se encarregou de toda a infra-estrutura econômica do país. Tinha o apoio dos investidores particulares, que em troca fornecia, baixa carga fiscal e tributaria, além de empréstimos a juros baixos, tudo para manter a máquina funcionando corretamente.

Essa nova configuração do Japão trouxe mudanças dentro do território pela industrialização, como a crescente urbanização, aumento da população, bem como sua nova redistribuição no espaço.

Junto a essa nova configuração espacial do Japão, vieram problemas de várias ordens, não só de caráter de superpopulação, mas também de ordem política, econômico e social. Em virtude disso, havia regiões onde o desenvolvimento industrial não tinha se concretizado, bem como a população abastada continuava em qualquer parte do Japão, o que levaram muitos a buscar novamente meios para melhorias de suas condições de vida, tendo dessa vez que ir um pouco mais longe, além mar.

2.2 – ESCOLHA DOS JAPONESES PELO BRASIL

Esse fato ocorreu devido à restrição à entrada de estrangeiros em outros países como os EUA, que barraram a entrada desses devido à competição com a mão de obra local, além de outros motivos de cunho econômico, político e social, associados ao xenofobismo local.

O Brasil se tornou uma nova opção para os Japoneses a partir do momento em que as portas de outros países se fecham a essa população asiática. Dessa forma o Brasil possuindo uma vasta extensão de terras para ser povoada e explorada, fez com que as atenções desses japoneses se voltassem para o Brasil, fazendo do país seu novo horizonte de trabalho.

A mão de obra também era abundante no Brasil, uma vez que, as fazendas paulistas careciam de trabalhadores, devido à abolição da escravidão, deixando lacunas a serem preenchidas. Com isso, os fazendeiros reivindicavam a entrada de maior número possível de imigrantes, pois queriam que a oferta de mão de obra fossem maiores que a procura, podendo remanejar com mais facilidade, além de reduzir os custos com salários.

Com a constituição de 1891, foi garantida aos Estados da Federação a autonomia para legislar sobre assuntos relacionados à imigração e colonização.

Devido às pressões constantes dos fazendeiros, levou o governo a ceder a introdução de Japoneses no Brasil, inicialmente de caráter experimental. Só em 1907 com o tratado entre o Presidente do Estado de São Paulo, Jorge Tibiriçá e o Presidente da Empire Emigration Company, Ryu Mizuno, foi possível essa realização.

2.3 – MOMENTOS ANTES DE PARTIR

Em meados do final de 1907, quando Ryu Mizuno, então presidente da Koukoku Shokumin Gaisha (Companhia imperial de emigração e imigração) conseguiu através de tratado, a regulamentação da lei de Emigração e Imigração, em acordo com a Secretaria de Agricultura de São Paulo, assinando um contrato de envio de 3000 Japoneses ao longo de três anos, sendo que a cada ano a exigência era de 1000 emigrantes.

Esse acordo entre os dois países iniciou-se no governo de Floriano Peixoto com a promulgação da Lei n. 97, em outubro de 1892, permitindo a imigração asiática.

Dessa forma Mizuno partiu para o Ministério de relações exteriores, solicitando autorização para uma convocação do povo Japonês para tratar de assuntos relativos à emigração ao Brasil. Porém viu dificuldades de convencer o povo Japonês em emigrar, buscou recursos financeiros para custear a viagem, adquirindo através da viúva do Barão da aviação do Japão, concretizando o fretamento do Navio Kasato Maru.

No entanto barrou em outro problema, pois o funcionário da seção de Emigração do Ministério das relações exteriores entregou um documento solicitando um depósito de 100 mil ienes, para pagamento para liberação do Kasato Maru. Diante esse fato, Mizuno sai em busca desse valor solicitado, uma vez que a indignação dos Emigrantes já se fazia presente através de insatisfações pela demora do embarque.

Mizuno não conseguiu adquirir o valor integral, porém obteve êxito em seu ideal, adquiriu através do empréstimo da viúva do Barão, 50 mil ienes, somado a 30 mil ienes retirado do cofre do navio, dinheiro esse que eram dos emigrantes, solicitado por motivos de segurança.

Em Abril e 1908, Mizuno consegue a liberação do navio ao pagamento de 80 mil ienes, junto à interferência e cooperação do deputado japonês Doi, que tornou possível, desembarcando do Porto de Kobe, com 11 dias de atraso.

2.4 – A CAMINHO DO BRASIL

Inicia-se então a longa viagem para uma nova terra, com sonhos e muita vontade de poder concluir seus objetivos, para assim poder retornar um dia a sua terra natal.

Os passageiros a bordo do navio Kasato Maru, muitos eram de diferentes províncias Japoneses, como vistos a seguir;

| N° Pessoas | Províncias de Origem |
|-------------|----------------------|
| 324 | Okinawa |
| 172 | Kagoshima |
| 78 | Kumamoto |
| 42 | Hiroshima |
| 30 | Yamaguchi |
| 21 | Aichi |
| 14 | Koochi |
| 10 | Miyaqui |
| 09 | Niigata |
| 03 | Tóquio |
| 78 | Não divulgados |
| Total - 781 | |

Quadro 1: numero de imigrantes e seus respectivos locais de origem

Fonte: <adaptado Rezende (1991) >

No quadro 1, nota-se que a maioria das famílias era de Okinawa, uma das áreas mais pobres do Japão, cuja população era vítima de preconceitos.

O perfil dos passageiros era na maioria trabalhadores autônomos, sendo esses compostos por agricultores, artesãos, comerciantes, além de artistas e poetas.

O navio Kasato Maru, percorreu o mar durante 53 dias, ao longo de 12 mil milhas de distancia, chegando ao destino, o Porto de Santos, na manhã do dia 18 de junho de 1908, trazendo os primeiros emigrantes Japoneses a nova terra. A figura a seguir ilustra a rota percorrida pelo navio Kasato Maru ao longo de quase 2 meses.



Figura 1: Rota da Viagem

Fonte: <<http://images.google.com.br>>

O navio trazia a bordo cerca de 158 famílias, na maioria casais jovens, ou solteiros, já preparados para o trabalho que o esperava nas fazendas para onde eram dirigidos.

Segundo Suzuqui (2007 p.45) "uma das exigências do Governo Paulista era a necessidade de que a imigração ocorresse em caráter familiar, com a presença de no mínimo de três pessoas aptas ao trabalho (...)".

Com o desembarque dos japoneses ao Brasil, foram encaminhados para as fazendas de café, já com o contrato pré - estabelecidos, num período de cinco anos, podendo a partir desse momento ser livre para realizar seus objetivos pessoais.

A figura a seguir ilustra o momento em que os japoneses desembarcam do navio no Porto de Santos – SP.



Figura 2: Chegada dos imigrantes ao Porto de Santos em 18 junho de 1908

Fonte: <<http://pt.wikipedia.org>>

2.5 – CHEGADA DOS IMIGRANTES AO BRASIL

Após o desembarque no Porto de Santos, os imigrantes embarcaram no trem durante 3 horas, rumo à hospedaria de imigrantes em São Paulo, no bairro do Brás, onde aguardariam até a chamada para o embarque nas fazendas de café no interior do Estado, conforme se observa na figura abaixo.



Figura 3: Imigrantes na Hospedaria em São Paulo

Fonte: [http: <http://images.google.com.br>](http://images.google.com.br)

Esses emigrantes haviam firmado um contrato com a companhia imperial de emigração, isso antes de desembarcarem do Japão, sendo de aproximadamente seis meses, período da colheita do café. Já no Brasil iria outro contrato com os Fazendeiros para trabalhar na colheita de café, em troca da amortização das despesas que haviam contraído com a viagem.

Muitos Japoneses estavam preocupados quanto suas economias, pois seus valores estavam depositados na companhia imperial de emigração, o qual custeou o navio com esses valores.

Os japoneses passam a ficar preocupados, pois a empresa estava quebrada, e seu sustento na nova terra estava todo concentrado nesse depósito que não havia retorno, uma vez que o responsável, Ryu Mizuno alegava que os valores não havia sido depositado pelo governo Japonês.

Segundo Handa (1987, p.17), "(...) não ficou claro de que maneira Mizuno respondeu aos imigrantes, mas que a verdade é que eles, os imigrantes foram logrados pela companhia".

Com isso pode se evidenciar que grande parte dos imigrantes possivelmente foram enganados pela companhia japonesa, no intuito de captarem os valores desses imigrantes para benefício do custeamento da embarcação. O fato é que Mizuno estava sem nenhum dinheiro, pois o valor solicitado para o calção que era de 100 mil ienes, foi realizada por 80 mil ienes, o que já foi difícil tarefa para coletar esse valor, e essa informação quando foi para o conhecimento dos imigrantes causou grande frustração, levando até ao suicídio de um tripulante.

Dessa forma a desconfiança e insatisfação dos primeiros imigrantes eram claras, porém seus destinos já havia sido estabelecido, e com isso esses foram sendo dispersos pelas fazendas do interior de São Paulo, que se deu no dia 17 de junho de 1908.

Às 4 horas da manhã do dia 27 de junho o trem fretado sai da hospedaria com destino a fazenda Canaã, com cerca de 152 pessoas pertencentes a 24 famílias cuja origem é de Okinawa. No mesmo dia ainda embarcam cerca de 173 pessoas de 23 famílias que forma em destino à fazenda Floresta, sendo esses também de Okinawa.

Os demais foram remanejados para fazendas na porção central e norte do estado Paulista.

Assim da início a jornada de trabalho desses novos imigrantes de caráter asiático de terras longínquas nas fazendas de café, carregando consigo sonhos e muita vontade de vencer.

A figura 5 ilustra os japoneses trabalhando na lavoura de café em meados do século XX.

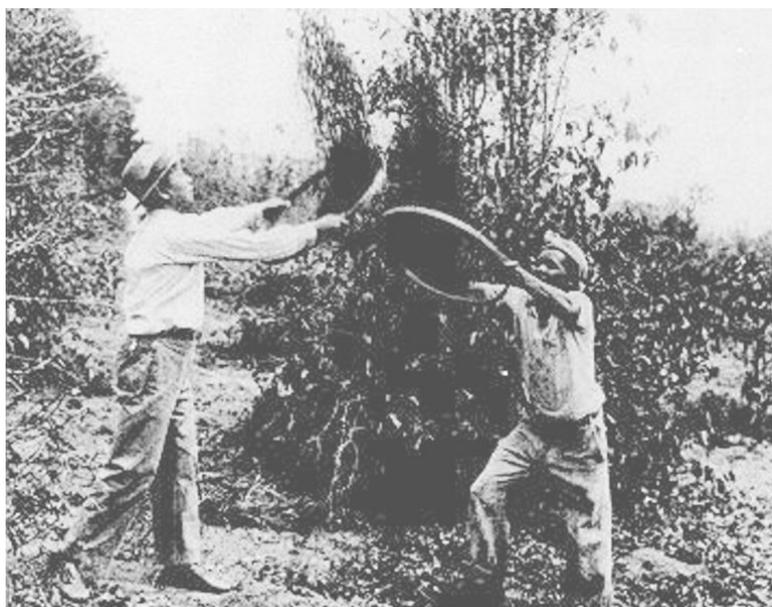


Figura 5: Japoneses na fazenda de café

Fonte: <www.wikipédia.org>

Todos esses imigrantes tinham em mente um só sonho, realizar-se economicamente, para obter um retorno o mais rápido possível á sua terra natal.

Segundo Tsukamoto (1973, p.18), "(...) seu maior sonho era alcançar rapidamente o sucesso em seus países de destino, remeter o dinheiro ganho, para logo em seguida retornar a pátria mãe".

Essa visão de retorno rápido a terra natal, acabou sendo algo que de fato não se concretizou por diferentes razões, dentre elas podendo ser ressaltadas a questão de não alcançarem suas metas, continuando sua luta pela extensão da permanência, ou mesmo outros que acabaram se adaptando, e adotando sua nova terra como seu lar fixo.

No próximo capítulo será abordado uma nova fase no que tange o processo migratório, a colonização, que se deu em meados de 1917, durante a primeira guerra mundial, quando uma nova lei regida pelo governo paulista muda o caráter da imigração japonesa, em virtude da falta de mão de obra européia.

CAPÍTULO 2

3 – DA IMIGRAÇÃO À COLONIZAÇÃO

Depois de alguns anos após o fracasso dos primeiros imigrantes japoneses nas lavouras paulistas de café, sob a acusação de fugas, insatisfações, pelas condições precárias de trabalho que encontraram, houve a paralisação quanto à entrada de novos imigrantes no Brasil, uma vez que, o período de recepção aos imigrantes era apenas para experimento.

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, a Europa ficou fechada quanto à saída de sua população, pois necessitava de grande contingente de homens para a manutenção da guerra, e isso fez com que as imigrações Europeias ficassem reduzidas, comprometendo a mão de obra Brasileira. Diante esse fato o governo paulista fez novamente concessões à entrada de japoneses, como meio de suprir urgentemente a mão de obra no campo.

A partir desse momento uma nova organização passa a comandar esse fluxo migratório, num primeiro momento a Brasil Takushoku Kaisha, que posteriormente através de tratados é fundada a Companhia Ultramarina de Empreendimentos S.S (Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha), conhecida como KKKK, conforme é visualizado na figura 6 .



Figura 6: Sede da Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha

Fonte: <<http://images.google.com.br>>

A KKKK passou a monopolizar os tramites dos novos imigrantes, administrando toda a trajetória desde o Japão ate sua fixação no Brasil, dando – lhes orientação e apoio

financeiro.

Segundo Suzuqui (2007, p.28) "a KKKK participou ativamente do processo de colonização no Brasil, em que se destacam a criação de cooperativas nas colônias organizadas por tal companhia".

A partir de 1925 a intervenção do governo japonês no processo migratório era nítida pelas ações de subsídios e orientações aos imigrantes, os quais saíam de sua terra natal, já com objetivos de permanência no Brasil.

Conforme Vieira (1973, p.44), "A KKKK além de engajar, encaminhar, localizar os emigrantes, missão confiada a ela pelo governo japonês, e ainda empenhou-se na colonização".

Essa colonização se deu através da parceria com a iniciativa privada, pelos fazendeiros e sociedades colonizadoras, nacionais e estrangeiras, que ofereciam loteamentos de pequenas propriedades próximos as grandes fazendas de café.

3.1 – SURGIMENTO DA COLÔNIA AGRÍCOLA NÚCLEO IGUAPE

Após alguns anos após o início da imigração, que ocorreu em junho de 1908, os pioneiros japoneses se dispersaram pelo interior paulista se instalando nas fazendas de café.

O processo de colonização dos japoneses no Vale do Ribeira tem seu início em meados de 1911, quando o sindicato de Tóquio entidade responsável pelas correntes de imigração, decidiu criar uma colônia de povoamento no Brasil. Com isso enviou responsáveis para averiguar se tal processo seria possível, dessa forma veio um representante japonês o então advogado Ikutaro Aoyagui, que percorreu ao longo do território brasileiro, passando desde a Bahia até o Rio Grande do Sul, na busca de um aterra adequada para a instalação das futuras famílias japonesas que fariam do lugar seu território permanente.

Quando chegou a região do Vale do Ribeira, Ikutaro Aoyagui se espantou com a paisagem, cujas várzeas as margens do Rio Ribeira enchiam seus olhos, maravilhados com a vista daquele lugar ainda quase não habitado, selvagem, onde o aspecto de uma natureza era quase intacto. Diante esse fato Ikutaro Aoyagui viu a região como um potencial para instalação dos japoneses, porque o local era ideal para a agricultura, principalmente aquelas praticadas e já conhecidas pelos japoneses, como o cultivo de arroz, uma vez que, as várzeas seriam propícias para a tal produção.

Em 8 de março de 1912, o Sindicato de Tóquio e o Governador de São Paulo, Manuel Joaquim de Albuquerque Lins, firmaram o contrato para realizar o processo de colonização, com 544 alqueires. Porém já com o acordo firmado surgiram alguns problemas, como a dificuldade para a demarcação das terras para a colonização, e isso trouxe certo desconforto para os organizadores, uma vez que, estavam muito esperançosos pelo fato de ser um empreendimento jamais ocorrido até então.

Diante essa situação a Câmara Municipal de Iguape, se propôs a oferecer por doação 859 hectares de terras a companhia Brasil Takushoku Kaisha em outro local, para a colonização de novos imigrantes, que foi denominado de Jyuvura.

O acordo firmado através do contrato de doação, foi estabelecido em nove cláusulas, dando legitimidade ao processo de colonização, conforme segue em anexo.

3.2 – DIVISÃO DA COLÔNIA DE IGUAPE: formação do núcleo Katsura

Katsura foi o nome dado à antiga colônia Jyuvura, em homenagem ao príncipe que, no momento da colonização foi o primeiro ministro das relações exteriores do Japão, foi fundamental para a realização da primeira colônia no Brasil.

A colônia Katsura encontra - se entre os Municípios de Registro e Iguape, sendo 775 hectares de áreas produtivas, divididos em 33 lotes, ligando ao porto de Jyuvura, sendo esse o principal corredor de escoamento de mercadorias da colônia, distando 23 km de Iguape, e 61 km do Porto de Registro.

O local foi pensado inicialmente para instalar aqueles imigrantes pioneiros, que já estavam no Brasil e que passaram pelas fazendas cafeeiras paulistas.

A figura abaixo ilustra família de japoneses no núcleo Katsura (Jyuvura), colônia japonesa organizada pela Brasil Takushoku Kaisha (atual Kaigai Kogyo kabushiki Kaisha), nos anos de 1912, início do processo de colonização.



Figura 7: Japoneses em Iguape

Fonte: < <http://images.google.com.br>>

Segundo Handa (1987, p.335), A direção da companhia de imigração considerou conveniente introduzir nessa área imigrantes que já houvessem passado por fazendas brasileiras, em vez de admitir aqueles chegados diretamente do Japão.

Esse fato serviria para dar início o trabalho no campo agrícola, pois se instalariam famílias com experiências nesse ramo, o que seria de grande valor para a chegada de novos imigrantes.

Cerca de 30 famílias se instalaram em Katsura, sendo o número mínimo exigido para a realização da colonização. Em 1913 foram chegando às famílias por via marítima, uma vez que a malha ferroviária ainda estava em fase de construção, com isso saíram de Santos através de barcos, numa viagem de aproximadamente 20 horas pelo mar até que desembarcaram no Porto de Iguape, seguindo para Katsura, que se situava alguns quilômetros de distância dali.

O perfil desses novos habitantes era composto por operários qualificados, oriundos das indústrias metalúrgicas de São Paulo, porém a expansão da malha urbana da capital aliada aos altos custos para a manutenção da vida, como moradia e alimentação, fizeram com que esses profissionais arriscassem a sorte no campo, mesmo com pouca ou sem experiência na agricultura. Ainda havia carpinteiros, pedreiros, ex-comerciantes, ex-estudantes etc.

Quanto à infra-estrutura da colônia, era de grande preocupação da companhia oferecer toda a assistência para esses novos moradores, por isso tratou de disponibilizar nessa área, profissionais e equipamentos que atendessem os mesmos.

A colônia contava com dois engenheiros agrônomos, um médico três agrimensores e um encarregado de assuntos gerais, eram contratados pela companhia de terras para assistência os moradores que ali iriam habitar.

Conforme Handa (1987, p.336), "(...) a companhia não poupou esforços para proporcionar aos colonos recém-chegados as condições necessárias para sua fixação na área".

Ainda a companhia construiu uma escola, já se preocupando com a chegada de novos imigrantes ou mesmo pelo crescimento da natalidade, e em conjunto com os colonos, construíram a igreja católica, iniciando a partir daí sua adaptação aos costumes ocidentais, uma vez que, o Japão a maioria advém da religião xintoísta e budista.

Dessa forma o núcleo Katsura foi tomando dimensões de uma colônia como havia projetado a Brasil Takushoku Kaisha, graças à cooperação entre os colonos, que com o trabalho conjunto e um só objetivo.

O relato feito pelo Japonês Yonosuke Yamada em 1914, futuro diretor do KKKK (Kaigai kogyo Kabushiki Kaisha) expressa sua admiração pelos novos colonos.

"No incipiente núcleo de colonização tive oportunidade de sentir pessoalmente a energia dos colonizadores. A meus olhos de recém-chegado do Japão, esta mobilização geral apresentava-se como algo inédito, ao mesmo tempo em que me vi obrigado a reconhecer que a tarefa da colonização

exige dos imigrantes, no exterior, uma extrema firmeza de propósitos e uma imensa dose de obstinação. Contudo, constatei com o júbilo os quão imbuídos de coragem e tenacidade inquebrantável se encontravam os colonos, bem como todos os membros da companhia, Já a noite alta, no rude leito, os raios do luar penetrando pela janela quebrada, não pude evitar as seguidas lágrimas que me rolaram na face provocadas pela forte emoção de que fui presa em vista de tudo que presenciava".(Yonosuke Yamada, 1914).

O núcleo Katsura, foi o primeiro empreendimento de colonização japonesa no Brasil, teve toda sua formação e desenvolvimento realizado pela companhia de terras Brasil Takushoku Kaisha, que inseriu 30 famílias, oriundas dos primeiros imigrantes das fazendas de café do interior paulista, por achar mais conveniente pela experiência já acumulada.

Sua principal fonte de economia foi à agricultura baseada em rizicultura, o cultivo de arroz, uma vez que, as condições do terreno eram propícias ao desenvolvimento da planta, por ser áreas de várzeas, como já havia dito Aoiagui, advogado japonês responsável pela escolha do lugar para instalação da colônia japonesa.

3.3 – FORMAÇÃO DO NÚCLEO REGISTRO

A fundação da colônia de Registro se dá a partir do momento em que dois funcionários da Companhia de colonização vão de encontro à área que foi doada para esse fim, dessa forma foram feitas inspeções para o reconhecimento da área, para a instalação de mais uma colônia japonesa.

Em 1914, inicia-se o processo de colonização em Registro instalando as três primeiras famílias japonesas, um ano após a fundação do núcleo Katsura, considerada a primeira colonização japonesa no Brasil.

Em 1917, Registro já soma cerca de 679 famílias, tendo aproximadamente 3.088 pessoas.

Em 1918, a Brasil Takushoku Kaisha sofre fusão com a com a Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha Companhia Ultramarina de Desenvolvimento Sociedade Anônima), que passa a administrar todos os processos e tramites das colônias japonesas na região do Vale do Ribeira. Essa fusão teve a autorização do governo através do decreto de 11 de dezembro de 1918, porém o contrato só foi logrado somente em 28 de janeiro de 1919.

Ainda no ano de 1918 é que se dá de fato a colonização em Registro, pois a KKKK, considerou essa colônia como a mais importante do Núcleo Iguape, diante esse fato estabeleceu-se nesse local, fundando sua sede e escritório de administração das colônias japonesas do Vale do Ribeira.

A sede do KKKK localizava-se no porto fluvial de Registro, sendo assim uma área estratégica do ponto de vista das exportações e importações da colônia, conforme observado na figura abaixo.



Figura 8: Porto Fluvial de Registro

Fonte: <<http://images.google.com.br>>

Quanto à atração dos japoneses para o povoamento da colônia de Registro, foi adotado o mesmo princípio do povoamento da colônia Katsura, por meio de propagandas veiculadas no Japão, pela companhia colonizadora em conjunto com órgãos do governo Japonês e da iniciativa privada. Apesar de não haver uma literatura clara quanto ao teor dessa propaganda, o que se pode obter foi apenas relatos de imigrantes sobre o assunto.

Atraídos pela propaganda, os japoneses se prepararam para enfrentar esse desafio, uma vez que não tinham muito a perder, pois suas condições financeiras já não eram boas, dessa forma, juntou a pouca economia que possuíam e partiram para o Brasil, especificamente para Registro, onde o processo de colonização estava em andamento.

A figura mostra uma foto datada em meados de 1930, da Família Aoki, trabalhando na lavoura de café, na propriedade rural em Registro.



Figura 9: Família Aoki na lavoura de café em Registro

Fonte: Álbum colônia Iguape (1913-1933)

A companhia de colonização, dispendo de uma área de 15.900 mil hectares, dividiuem lotes de 25 hectares. Em meados de 1919, a Colônia de Registro contava com cerca de 450 famílias de imigrantes japoneses.

3.4 - FORMAÇÃO DA VILA RURAL (MURA)

Os japoneses recém consolidado na colônia de Registro, organizaram-se em forma a planejar seu trabalho rural, aplicando nos moldes do Japão rural. Dessa forma constituíram-se em Vilas rurais, chamados pelos japoneses de Mura, com isso cada Vila rural possuía seu próprio líder, o qual passa a ser responsável pelas informações e representações de sua vila. Além disso, havia um líder da colônia, que era responsável pela administração e comando das Vilas rurais.

Apesar dos japoneses se dividirem em vilas rurais, com o corpo de organização e comando, o que se imperava nesses lugares eram apenas a coesão social, enquanto as atividades econômicas como a agricultura era de forma independente, não havendo cooperação entre famílias. Todos os residentes desses bairros eram compostos por pequenos produtores, recém chegados do Japão, que adquiriram pequenos lotes, muitas vezes dividindo com outros imigrantes, quando se faltava recursos financeiros para a compra da mesma.

Apesar da independência econômica de cada família dentro do Mura, e apenas as relações sociais serem algo amistoso e mutuo, a agricultura teve grande desenvolvimento mesmo pela individualidade, pois, havia competição entre as famílias japonesas, e ao passo que, alguém criava novos métodos ou inseria uma nova cultura que fosse mais rentável, os demais que presenciavam o fato, partiram na mesma direção, reproduzindo as mesmas técnicas, fato que contribuiu para o progresso no campo, com o trabalho independente, porém em conjunto.

Os japoneses se interferem reciprocamente, sendo notória a sua mutua competição. Isso estimula a vontade em relação à produção.

Dessa forma a competição torna-se um estímulo para que se produza mais, pois a competição fará com que esses agricultores sempre busquem novas técnicas para tentar superar um ao outro.

Na colônia de Registro o Mura se organizou em cinco Vilas rurais, cujo líder geral era denominado como termo Shokuminchi – chô, e em cada vila havia um líder, chamado de Bucho, e também havia os kuchô, responsáveis pelos núcleos que constituem cada vila rural, uma espécie de presidente de associação.

Havia num total de 5 vilas rurais em Registro, distribuídos ao longo da colônia, eram denominados da seguinte maneira, Iti, Ni, San, Yon, Go, seguindo esse molde de organização e liderança, era muito respeitado e valorizado pelos japoneses, pois se

tratava de algo cultural, já incorporado pelos mesmos.

A seguir na figura 10, apresenta o mapa da colônia de Registro, confeccionada pelo KKKK (Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha), onde se observa a delimitação dos lotes rurais, que eram negociados aos novos colonizadores.

3.5 – A PRÁTICA DA AGRICULTURA NA COLÔNIA DE REGISTRO

A partir do momento em que a colônia se consolida em Registro, a prática de trabalho desses colonos era única e exclusivamente a agricultura, que por sua vez passou por varias alterações quanto á diversidade de culturas, pois problemas de ordem econômica surgiram prejudicando esses colonos fazendo com que fossem de encontro de novas culturas para se manter no mercado nacional.

Apesar de todo o subsidio oferecido pela companhia colonizadora, como a construção da fábrica de beneficiamento de arroz em 1922, que por sinal foi a maior da América Latina, e a assistência de especialistas agrícolas no campo, não foi suficiente para conter os problemas que iriam surgindo com o passar dos anos. A cultura do arroz já foi uma das mais expressivas no Brasil, porém os métodos rudimentares de cultivo, além do esgotamento da terra e o baixo valor agregado, aliado a crescente expansão do café no interior paulista resultaram no abandono dessa cultura.

Com a expansão do café, Registro também teve sua tentativa, porém frustrada por alguns motivos de ordem local, como o solo e clima inadequados para tal cultivo.

Conforme Handa (1987, p.348), Por volta de 1933, no entanto, as famílias mantinham invariavelmente as plantações de café, umas maiores, umas menores, que conferiam tanto ao núcleo de Registro como ao de sete barras ares de zona cafeeira. Essa euforia pouco durou. Com o precoce envelhecimento dos cafezais a produção diminuía drasticamente, confirmando assim a inaptidão da área para esse tipo de cultura.

De fato nada adiantou tentar adaptar uma cultura meramente por estar sendo o produto em alta no mercado se não havia condições agricultáveis para o mesmo desenvolvimento das regiões em prosperidade, o que culminou na extinção e prejuízo daqueles que tentara impor essa cultura como meio de sustento familiar.

Ainda Handa (1987, p.348), "(...) após o fracasso do café, perdida toda a vitalidade dos primórdios, o núcleo amargaria a condição desoladora de um núcleo de colonização japonesa semi abandonado no litoral sul do Estado de São Paulo".

Em 1919, o cultivo do chá foi introduzido em Registro, pelo japonês Torazo Okamoto, que conhecia as técnicas de cultivo no Japão. A espécie do chá era de origem chinesa.

A figura 11 ilustra a propriedade rural do pioneiro do chá no Brasil, Torazo Okamoto, que trouxe a planta em meados de 1919.



Figura 11: Fazenda de Chá de Torazo Okamoto em 1934

Fonte: <<http://images.google.com.br>>

Com a decadência do café em 1933, e o descrédito de muitos colonos, uma nova cultura agrícola toma o papel de destaque na produção, o colono Torazo Okamoto, introduz a variedade de chá denominado assam, de nome científico, *camélia sinensis*, originário da Índia, que por sua vez, fez a agricultura em Registro, ganhar fôlego despontando e ganhando posição de maior produtor do país.

A figura a seguir registrada no ano de 2008 ilustra a plantação de chá numa propriedade rural em Registro.



Figura 12: Plantação de Chá

Fonte: <<http://images.google.com.br>>

Atualmente o chá está inserido como atividade agrícola da cidade, apesar da decadência das ultimas décadas ainda há produção considerável, pois o produto é de grande aceitação no mercado interno e externo.

Registro chegou a possuir mais de 20 usinas destinadas ao processamento do chá, de tão grande a produção da região. Porém, com o declínio da produção, muitas usinas foram sendo desativadas, restando atualmente duas fábricas de beneficiamento.

A usina de chá construída pelo pioneiro, Torazo Okamoto, considerada uma das maiores da região, teve seu desligamento recentemente, no ano de 2007, motivo certamente relacionado a queda da produtividade dos últimos anos.

A figura abaixo ilustra as instalações da usina do chá Ribeira, desativado recentemente.



Figura 13: Fábrica de Chá em Registro

Fonte: <<http://images.google.com.br>>

A banana foi introduzida na região pós Segunda Guerra Mundial, como alternativa de renda aos japoneses que buscavam novas culturas que se adaptassem bem ao terreno e as condições climáticas, optando por essa que veio a trazer bons resultados.

A banana certamente obteve resultados mais favoráveis se comparado ao chá, apesar de ter ocorrido ao longo dos anos algumas quedas quanto à produtividade, por muitas vezes relacionada às pragas que dizimavam extensas áreas de plantações, porém conseguiam reverter à situação rapidamente, mantendo certa constante. Fato que diferencia do chá que a partir dos anos de 1994, com a mudança no plano econômico brasileiro, com a entrada da moeda real, e a competitividade com o chá da Índia, foi um momento em que as demandas de exportações reduziram drasticamente, uma vez que, respondiam a 95% do mercado, mantendo apenas o fraco mercado interno.

A figura 14 que ilustra imigrantes japoneses na lavoura do chá em meados dos anos de 1950.



Figura 14: Japoneses na lavoura de banana

Fonte: <<http://images.google.com.br>>

Segundo Almeida (1957, p.55), “A banana e o chá são os principais produtos do município, não só quanto ao valor, mas também quanto à área cultivada”.

A grande extensão da produção dessas culturas, evidência que as atividades exercidas na vila rural, (Mura), como descrito anteriormente, tornam-se fato que o sucesso do cultivo do Chá e da banana implantado pelos japoneses causaria à competição e conseqüentemente a expansão e melhoramento da produção, trazendo desenvolvimento econômico para o município.

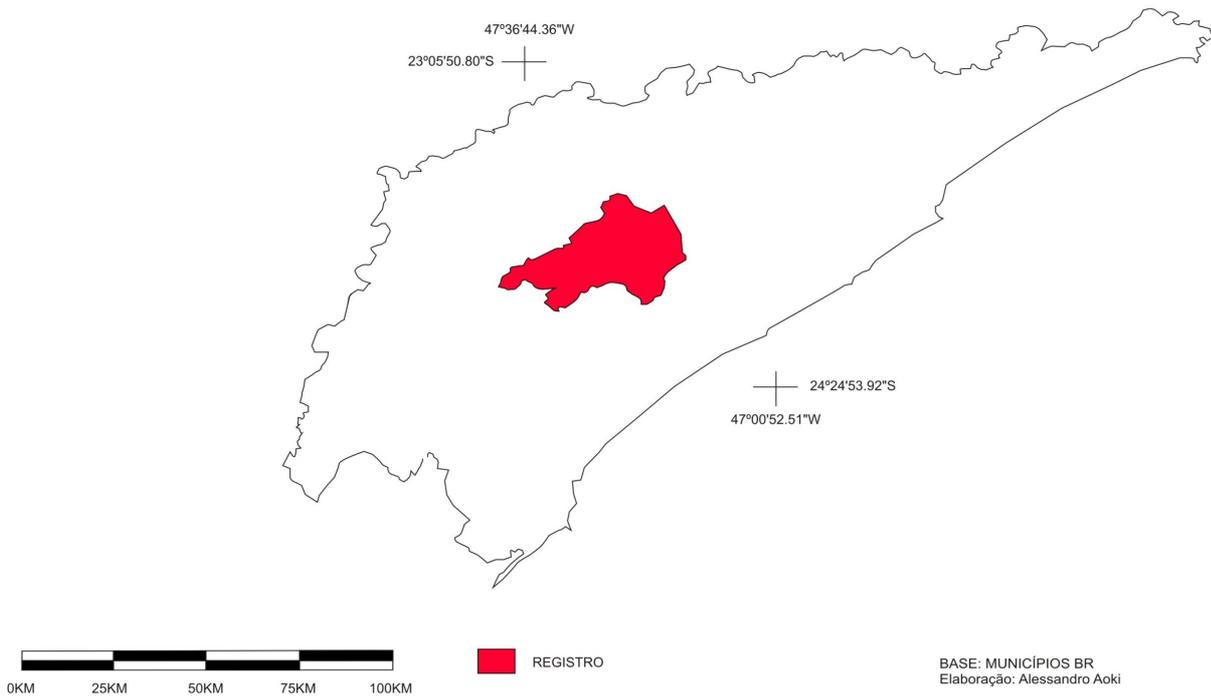
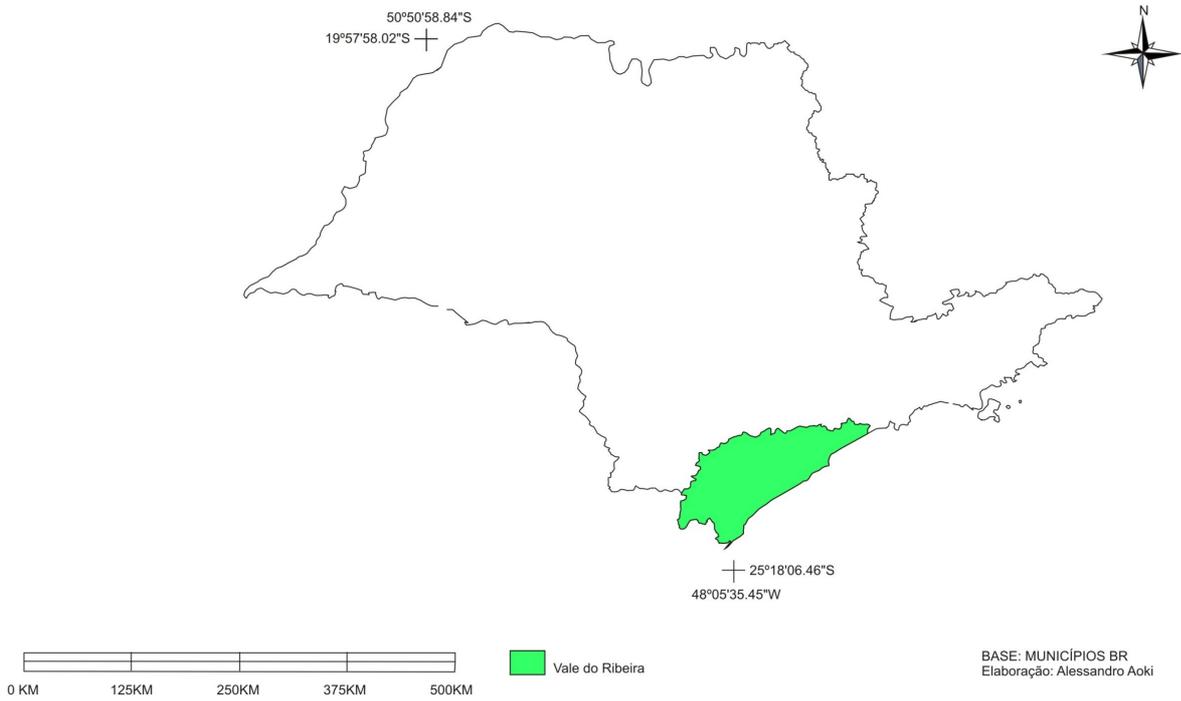
CAPÍTULO 3

4 – OS JAPONESES NA CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL E URBANO DE REGISTRO

Nesse último capítulo serão abordados fatos relativos à esfera do desenvolvimento do município de Registro através da contribuição japonesa ao longo de um século de história no Brasil.

A partir do momento em que o japonês insere-se no mercado, através da produção agrícola, a colônia de Registro passa a tomar formas urbanísticas, tornando-se Município através do decreto-lei Estadual nº 14.334, de 30 de novembro de 1944, pertencendo ao termo e a comarca de Iguape.

Área de estudo



Quadro 2 - Mapa área de estudo

Elaboração: Alessandro Aoki

Segundo Braga (1998, p.23), Em Registro tudo foi trabalho japonês: a eletricidade, as escolas, escola agrícola, posto zootécnico, hospitais, igrejas, quase três centenas de estradas na concessão, uma grande estrada de 34 quilômetros ligando a estação de Juquiá, culturas intensivas de café, chá, arroz, bicho da seda etc...

Registro possui um contexto histórico de formação do território baseado no trabalho dos colonos japoneses, que através dos seus esforços foram dando formas para que a colônia tomasse formas de município, o qual se tornou a capital do Vale do Ribeira.

A partir do momento em que o colono japonês passa a ter prosperidade em suas terras pelo trabalho baseado nas culturas da banana e do chá, há excedentes os quais seriam remanejados ao mercado consumidor, muitas vezes revertidos em feiras livre ou mesmo em cooperativas, como forma de garantir valores sobre seus produtos produzidos.

É um momento em que as gerações posteriores desses japoneses passam a se inserir no mercado de trabalho, impulsionado o processo de urbanização de Registro, esses já ocidentalizados, com costumes e hábitos brasileiros, são os chamados nisseis, segunda geração de japoneses nascidos no Brasil.

O município de Registro passa por processos de transformação espacial, pois a inserção dos descendentes de japoneses na cidade inicia-se um mercado voltado para a produção agrícola, a prova disso foi às construções de cooperativas agrícolas no Município.

Essas cooperativas foram criadas com as características das existentes no Japão, pois, eram compostos de pequenos agricultores, foi uma forma de organização que remetem à característica do Mura (Vila rural).

Segundo Ono (1973, p.160), "(...) a estrutura social da colônia japonesa possuía aquela do mura em grau suficiente a ponto de permitir a assimilação e implantação das cooperativas agrícolas com características similares às do país de origem".

As cooperativas traduzem o espírito empreendedor e a inserção do Japonês e seus descendentes no âmbito capitalista, pois a produção era negociada com outros mercados internos e externos.

Foi uma tentativa da comunidade de agricultores que procurando novas soluções para os problemas enfrentados na lavoura, como a crise do café, a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) se expandiu a ponto de se tornar o maior empreendimento desse ramo na América do Sul. Alguns dados de 1988 indicam que a CAC possuíam nessa época 16.309

associados e um patrimônio avaliado em mais de 59 milhões de dólares, mostrando que a organização deu certo.

Em Registro houve a Cooperativa Agrícola de Cotia criada em 1927, conforme observado figura abaixo, o qual foi iniciado na cidade de Cotia – SP, sob os moldes citados acima, que através de sua organização foi alinhando outras colônias japonesas, aderindo a sua organização, dessa forma expandindo sua área de atuação pelo Estado de São Paulo.



Figura 15: Sede da Cooperativa de Cotia

Fonte: Álbum Colônia Iguape, 1913 - 1933.

Essas cooperativas eram constituídas praticamente por japoneses, desde a gerencia ate seus empregados, além dos seus produtores, todos oriundos das Vilas rurais espalhados ao longo do Município, e ate alguns de cidades vizinhas, uma vez que, a cooperativa mais próxima dessas cidades era a de Registro.

Os produtos agrícolas mais significativos eram praticamente o chá e a banana, que moviam a economia local, considerada uma das maiores do país nessa produção.

Abaixo a figura que apresenta o antigo depósito da cooperativa de Registro em 1928.



Figura 16: Antiga Cooperativa de Registro

Fonte: Álbum Colônia Iguape, 1913 – 1933

Com a assimilação dos Japoneses, e a consolidação dos seus descendentes no espaço urbano, constituem uma camada social de grande expressão no Município, local esse considerado o berço da colonização japonesa no Brasil.

Os japoneses aos poucos vão migrando do espaço rural para o urbano, a maioria já se encontrava na cidade, pois era seu lugar de trabalho, e também seu lar.

Apesar da ocidentalização desses descendentes, os filhos de japoneses, a partir do momento em que ingressam na escola brasileira, adotando seus costumes e hábitos, apesar de tudo ainda preservam tradições, culturas de seus antepassados, os quais podem ser observados em Registro, através das igrejas, nome de ruas, escolas, monumentos, praças públicas, comércio, agricultura, associações de confraternidade, centro esportivo, arquitetura, etc. Muitos desses lugares são também pontos de turismo que atraem centenas de pessoas de todo o país.

Essas caracterizações descritas acima, contida no Município de Registro, se deu a partir de sucessivas entrevistas, visitas e levantamento bibliográfico como meio de dar veracidade ao contexto em desenvolvimento.

Dessa forma serão explicitados com mais detalhes a seguir, na forma de contextualizar cada elemento que constitui essa identidade cultural.

Uma das mais importantes ou a mais importante manifestação dos japoneses no

Município de Registro, foi à criação do Registro Base ball Clube em 1952, centro esportivo dedicado aos japoneses que organizados em times, disputavam campeonatos, além de realizar confraternizações entre os bairros.

Os japoneses já consolidados na colônia de Registro, além do trabalho árduo no campo, ainda tinham tempo para o lazer, no entanto praticavam esportes os quais eram de sua terra natal, com isso o popular Base ball no Japão, passa a ser a prática esportiva desses colonos, que organizavam times por bairros, os quais já foram ditos acima, o chamado Mura, ou Vila Rural. Havia num total de cinco Vilas Rurais, portanto cinco times de base ball, bem como cada um possuíam uma associação, como forma de organizar competições e administrações de cada time.

Alguns anos depois houve a junção dessas associações dando origem ao Registro Base Ball Club, um complexo esportivo de 95 mil metros quadrados, que conta com quadras de tênis, futebol, Base Ball, além de piscinas, atletismo, musculação, etc.

O Complexo esportivo do RBBC foi criado em 1986, conforme figura 18, já o Centro Social, outra repartição, foi criada em 1962, porém voltada para confraternizações, eventos e festas, localizada no centro de Registro, num espaço de 3 mil metros quadrados, adquirida por relação de trocas, de um lugar pelo outro, com a Cooperativa de Cotia.



Figura 17: Complexo Esportivo do RBBC

Fonte: < <http://images.google.com.br> >

O Município de Registro possui ainda grande valor quanto aos aspectos religiosos, em se tratando da ação dos japoneses nesse lugar. Interessante, é a construção da primeira igreja no Brasil, iniciada em 1918, terminada em 1929.

Essa pequena igreja ou capela, conforme a figura 19, era chamada pelos japoneses de Seikokai, além de realizar cultos, ainda funcionava como uma escola primária e de língua japonesa, dessa forma a alfabetização era bilíngüe.

Quanto sua localização, a igreja se encontra na zona rural, possui a arquitetura voltada aos moldes dos templos xintoístas. Ainda mantém algumas atividades religiosas, pelo menos três vezes ao ano, com a presença de missionários anglicanos. Foi considerado Patrimônio Histórico Cultural, pois é conhecida como grande feito da colônia japonesa, marcando sua presença religiosa no Brasil.



Figura 18: Igreja Anglicana em meados de 1920

Fonte: <<http://images.google.com.br>>



Figura 19: Igreja Anglicana atualmente, patrimônio histórico.

Foto: Adriana T. Aoki, 2007

No ano de 1929 os japoneses fundaram a igreja católica matriz de São Francisco Xavier, em Registro, conforme observada na figura 21, o qual foi construída através da cooperação financeira e de mão de obra dos colonos da região.

Está localizada no centro da cidade, passou por várias reformas, e continua como função religiosa, sendo uma referencia de práticas católicas na região, e também como ponto turístico.

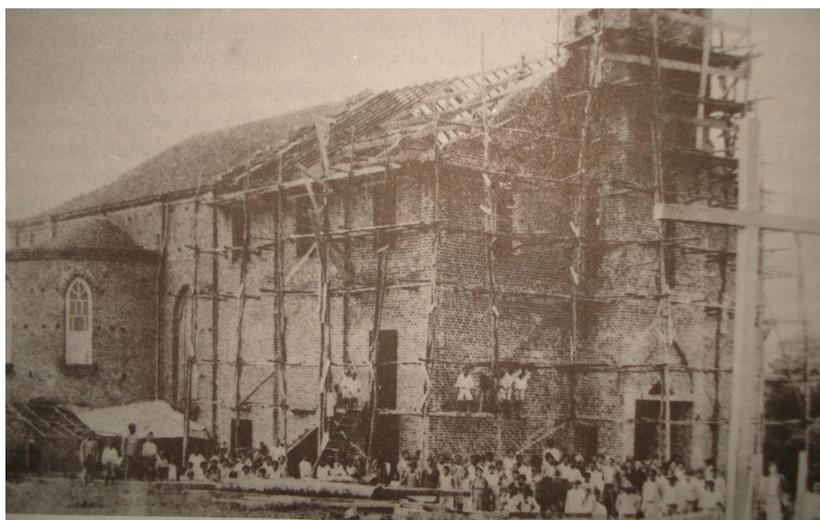


Figura 20: Igreja Matriz em construção

Fonte: Handa, T. O imigrante japonês, 1987.



Figura 21: Igreja Matriz hoje

Foto: Adriana T. Aoki, 2008

Sob a égide dos aspectos religiosos, os japoneses mantendo suas tradições, trouxeram a religião Budista para a região, dessa forma em 1979, construíram o templo Budista Budista Honpa Hongwanji (Templo do Juramento Universal de Amida, o Buda da Terra Pura do Oeste), conforme figura 23.

A arquitetura chama a atenção dos visitantes, pois é inspirado nos moldes dos templos japoneses, e no seu interior, o altar e construído com toras de madeiras maciças, e os objetos banhados a ouro, reproduzindo com perfeição a estrutura original.

O templo Budista conta com a presença do monge, o qual reside no local, e é oriundo do Japão, vindo de lá apenas para essa função no Brasil, com tempo determinado de permanência. Esse é responsável pelos cultos que acontecem todos os dias de manhã, e em ocasiões especiais, acontecem às missas remetendo aos antepassados que se foram sendo essas agendadas pelas famílias.



Figura 22: Templo Budista

Foto: Alessandro Aoki, 2008

Dentro da questão religiosa, pode ser citado outro exemplo, a fundação da Seicho-no-ie, na década de 1950, conforme figura 24, sendo esse uma filosofia de vida segundo seus freqüentadores, uma espécie de auto ajuda, através dos ensinamentos e ideologias do denominado mestre Masaharu Tanigushi, fundador dessa filosofia. Para ser adepto, independe de religião, pois é aberta ao público em geral.



Figura 23: Sede da Seicho-no-ie em Registro

Foto: Alessandro Aoki, 2008

Focando os aspectos característicos dos feitos japoneses na região, há de se destacar outros elementos que constituem esse Município, como o Museu da imigração japonesa Vale do Ribeira, localizada no antigo casarão do KKKK (Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha) que funcionara na década de 1920, como companhia colonizadora.

O museu conforme figura 25, preserva além do local, a história e trajetória dos Japoneses, podendo ser vistas utensílios domésticos, equipamentos, imagens da época, literaturas, etc. que ilustram bem a vida que os japoneses levavam em Registro em tempos de colonização.



Figura 24: KKKK restaurado

Foto: Adriana T. Aoki, 2008

Outra característica marcante no Município é a criação da associação cultural Nippo Brasileira de Registro, o Bunkyo, como forma de divulgar a cultura japonesa através de diversas festividades que ocorrem ao longo do ano, além de ser um centro de recreação e atividades, como a escola de língua japonesa, aulas de taiko, ginástica etc.

A história do Bunkyo remete em meados de 1920, quando os japoneses ao se consolidarem na colônia de Registro, viviam em Vilas rurais cada qual possuía sua associação de japoneses, e a junção de todas as comunidades deram origem ao chamado Bunkakyokai (Associação Cultural Japonesa de Registro), possuindo sua própria sede central.

Poré com a chegada da Segunda Guerra Mundial e a conseqüente hostilidade pelo publico japonês, uma vez que o País do Sol nascente era do lado oposto do Brasil, o que afetou as comunicações da associação, culminando em seu fechamento. Com o termino da Guerra, volta novamente a ativar a associação, porem com outra denominação, chamando de RBBC, (Registro Base Ball Club), entidade já citada anteriormente nessa redação. O RBBC possuía vários departamentos, dentre eles foi criado a de cultura, onde se desenvolveram novamente as atividades entre os japoneses da região.

Ainda sim, havia anseios por parte da comunidade Japonesa no retorno do

Bunkakyokai, que havia sido interrompida com o decorrer da guerra. Mas com os diversos tratados entre o Brasil e o Japão, como a criação da Praça Nakatsugawa, um acordo ocorrido entre as duas cidades, firmado em 1980, e a criação da comissão de comemoração do aniversário da Colonização Japonesa no Brasil, foram fatores determinantes para que oficializasse em todos os parâmetros legais a criação do Bunkakyokai em 1993.

Em 2003 construíram sua própria sede, em comemoração aos 90 anos da colonização japonesa em Registro, conforme figura abaixo.



Figura 25: Bunkyo de Registro

Foto: Adriana T. Aoki, 2008

Abaixo a Praça Nakatsugawa, construída em homenagem a cidade irmã de Nakatsugawa no Japão, visitada algumas vezes pelo prefeito japonês em épocas comemorativas.



Figura 26: Praça Nakatsugawa, homenagem à cidade irmã no Japão

Foto: Alessandro Aoki, 2008

O quadro abaixo apresenta algumas comemorações ocorridas ao longo do ano em Registro, remetendo a colônia japonesa.

| MÊS | EVENTO |
|----------|-------------------------------|
| JULHO | - Festa do Sushi - Engakai |
| AGOSTO | - Bom Odori |
| SETEMBRO | - Undocai |
| NOVEMBRO | - Tooro Nagashi |

Quadro 3 – Eventos em comemoração a colonização Japonesa em Registro

Elaboração: Alessandro Aoki

Recentemente em comemoração aos cem anos da imigração japonesa no Brasil, foram construídos alguns monumentos que caracterizam esse fato, podendo ser vistas em diferentes pontos da cidade.

Em 2002 a artista plástica Tomie Othake construiu uma escultura em aço, denominada de Guaracuí, árvore símbolo da cidade, doando para a cidade, em homenagem a imigração japonesa, conforme ilustra a figura 28. Está localizado em praça pública, próximo ao casarão e museu do KKKK, ponto de partida da colonização.

Já em 2005 outro artista, pintor e escultor chamado Yutaka Toyota, dava início a construção de diversas esculturas em sucata, os chamados Monumentos Ambientais, peças que fizeram parte da história de Registro, o que traz a essência do lugar. Foram construídas até o presente momento sete esculturas localizadas ao longo da cidade, conforme as figuras 29, 30, 31, 32, 33, e que remetem aos cem anos da imigração japonesa, como forma de caracterizar a cidade como um lugar de grande importância no contexto da colonização a partir desses imigrantes.

Essas peças os quais se encontram na cidade, são de grande porte, chegando a ter mais de 5 metros cada, ilustrando momentos que ficaram parte da vida desses japoneses. Cada uma recebe uma denominação, dentre elas podem ser destacados: o portal do sol, caminhos da liberdade, brilho eterno, o rei do chá, etc. dentre outras que ainda estão por ser construídas.



Figura 27 – Monumento Guaracuí de Tomie Othake

Foto: Adriana T. Aoki, 2007



Figura 28 – Monumento "Caminhos da Liberdade "

Foto: Alessandro Aoki, 2008



Figura 29: Monumento "O Rei do Chá"

Foto: Alessandro Aoki, 2008



Figura 30: Monumento "Portal do Sol"

Foto: Alessandro Aoki, 2008



Figura 31: Monumento "Brilho Eterno"

Foto: Alessandro Aoki, 2008

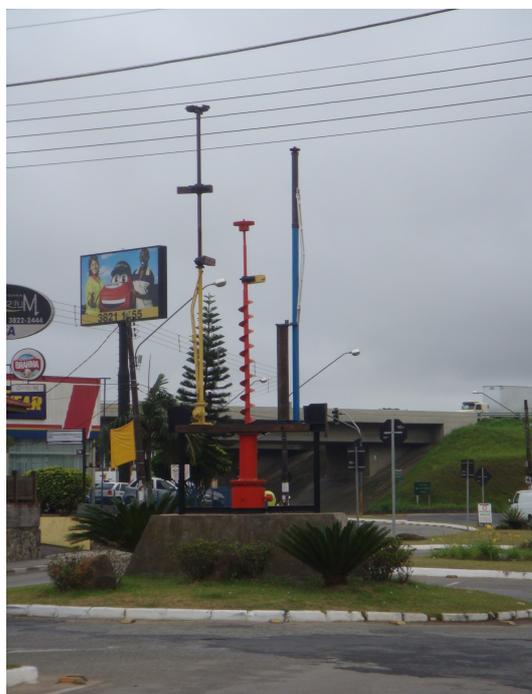


Figura 32 – Monumento "Chave do cosmos"

Foto: Adriana T. Aoki, 2008

A presença japonesa em Registro se faz intensa, tanto em lugares como os citados acima, que ilustram a preservação das tradições culturais, como no desenvolvimento econômico, político e social do meio em que estão inseridos.

Caminhando pela cidade, é possível presenciar essa forte influência cultural, pois estão em todos os seguimentos da dinâmica do município, como no comércio, serviços, indústrias, agricultura, políticas, etc. e quase sempre essas caracterizações levam alguma essência japonesa, conforme pode ser observado nas figuras a seguir.



Figura 33: Galeria comercial estilo arquitetônico Japonês

Foto: Alessandro Aoki , 2008



Figura 34: Antiga casa restaurada em Ponto Comercial

Foto: Alessandro Aoki, 2008



Figura 35: Comerciante pioneiro na cidade

Foto: Alessandro Aoki, 2008



Figura 36: Setor de serviços administrado por descendentes

Foto: Adriana T. Aoki, 2008



Figura 37: Comércio de Móveis

Foto: Adriana T. Aoki, 2008



Figura 38: Ruas da cidade em homenagem aos japoneses

Foto: Adriana T. Aoki, 2008

4.1 – MARCAS DA HISTÓRIA EM REGISTRO

As marcas do passado ainda continuam vivas na história de Registro, pois as antigas casas localizadas nas zonas rurais podem ser vistas em grande parte preservadas, e na maioria ainda com a presença dos descendentes desses pioneiros.

Foram mapeadas algumas dessas residências nas antigas zonas rurais, comprovando que a colonização se fez nesses pontos, e que a extensão do Município se faz a partir desse processo, no momento em que o Japonês sai em busca de novos meios para prosperar na vida.

As figuras a seguir ilustram antigas casas, localizadas na zona rural de Registro, construídas em tempos de colonização e que até hoje mantém sua estrutura conservada conforme pode ser observadas.



Figura 39: Casa de imigrante Japonês

Foto: Adriana T. Aoki, 2007



Figura 40 e 41: arquitetura oriental

Foto: Adriana T. Aoki, 2007



Figura 42 e 43: Detalhes da casa da Vila Rural

Foto: Adriana T. Aoki, 2007

De fato todas as caracterizações citadas ao longo do trabalho, ilustram no Município de Registro a forte presença cultural dos japoneses ao longo desses cem anos de historia no país, e que o processo de colonização foi benéfico para á criação dessa identidade única e marcante para todos esses que residem nesse local.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil foi talvez o país que mais acolheu esses imigrantes japoneses em tempos que o Japão passava por grandes dificuldades, como a crise econômica e a superpopulação que fizeram com que grande número de japoneses se retirassem para terras além mar buscando melhores condições de vida.

A partir desse momento vieram os primeiros imigrantes, em 1908, a bordo do navio Kasato Maru, os quais foram remanejados para as fazendas de café na região interiorana de São Paulo. Com bagagens e sonhos de um dia voltar para sua terra natal, tiveram surpresas negativas, pois as condições de trabalho a que foram expostos fazia com que toda a esperança ficasse apenas na memória, pois não conseguiram cumprir esse objetivo, fazendo com que se consolidassem por definitivo a terra estranha.

Posteriormente uma nova forma de povoar o território brasileiro pela presença japonesa no Brasil foi posta em prática, de forma organizada e entre tratados e acordos formais, foi o processo de colonização, onde a companhia de imigração japonesa organizaria todos os tramites para o assentamento desses novos imigrantes, preocupando-se desde a infra-estrutura ate atendimentos personalizados, como assistência técnica na lavoura e saúde.

A região do Vale do Ribeira foi escolhida pelos organizadores japoneses como palco da colonização japonesa, sendo O Município de Iguape á responsável para que acontecesse, pois acordos entre esses culminaram em doações de terras para a companhia colonizadora, que em troca povoaria a região pouco habitada e coberta pela mata virgem.

Iguape é dividida em núcleos, onde Registro torna-se destaque, pois a companhia colonizadora, Brasil Takushoku Kaisha, que posteriormente se tornou a Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha, construiu sua sede administrativa controlando os processos em que os imigrantes estavam envolvidos, como o gerenciamento da produção agrícola.

Registro se estabelece como a principal colônia japonesa, e a partir desse momento em meados dos anos 20, o grande fluxo de japoneses vindos já com objetivos de permanência no Brasil se concentrou nessa região, onde se instalam e dão inicio ao processo de desenvolvimento local.

Com o passar dos anos, décadas, os japoneses foram conquistando espaços, através de seu trabalho árduo inicialmente na lavoura trouxeram grandes resultados, pois

foi reconhecido como maior produtor de arroz do Brasil, além de se destacar também na produção do Chá e Banana, trazendo méritos e reconhecimentos da comunidade externa para o Município de Registro.

Atualmente o processo de ocupação pela presença japonesa se faz intensa, pois sua influência está em todos os cantos da cidade, desde monumentos, praças públicas, arquitetura, ruas, até em empreendimentos comerciais, prestação de serviços, políticas públicas, além de centros de recreação cultural, como eventos, festas que se realizam ao longo do ano. São formas de manter viva essa memória que ao longo de cem anos de história no Brasil caracterizaram varias regiões, criando espacialmente sua própria identidade cultural.

ANEXO

Claúsulas imposta pelo Município de Iguape para a doação de terras para a colonização japonesa.

Primeira – A Câmara Municipal de Iguape obriga-se:

a- a ceder gratuitamente á Brasil Takushoku Kaisha, as terras de sua propriedade localizadas a margem esquerda do Ribeira, no local denominado Jypuvura, para que pela mesma companhia, seja nesses terrenos estabelecido um núcleo colonial de famílias japonesas que se dediquem à lavoura e a indústria;

b - a entregar desde já os terrenos cedidos, de 1152 hectares e 8 mil m², com título hábil para domínio;

Segunda – A Brasil Tokushoku Kaisha obriga-se a;

a - a dividir os terrenos em lotes de 25 a 50 hectares, conforme suas condições e instalar nesses lotes, as famílias de agricultores japoneses, quantos lotes aproveitáveis de 25 a 50 hectares contiverem os terrenos cedidos;

b - a construir os caminhos necessários para as comunicações internas;

c – a iniciar a instalação de colonos no prazo de 3 meses a contar da data da assinatura do contrato;

d – a parte dos terrenos que não forem ocupados dentro do prazo de cinco anos contados da data da entrega dos terrenos ora cedidos será restituída a Câmara Municipal de Iguape, sem que por isso a Brasil Takushoku Kaisha, tenha direito a qualquer indenização.

e – a apresentar a Câmara Municipal de Iguape semestralmente uma relação dos lotes ocupados;

f – a apresentar igualmente á Câmara Municipal de Iguape anualmente um relatório circunstanciado sobre o estado do núcleo, seu desenvolvimento, produção, etc.,

g – a reconhecer a autoridade de um fiscal da Câmara junto à administração do núcleo.

Terceira – A Brasil Takushoku Kaisha, poderá estabelecer dentro do núcleo um campo de demonstração, com aproximada área de 50 hectares, a fim de fazer experiências agrícolas, assim como para favorecer colonos, disponibilizando os serviços obrigatórios ao dito campo.

Quarta – Desde que por meio de recenseamento regular se verifique que o núcleo

colonial tem a população infantil para duas escolas públicas, uma para cada sexo, a Brasil Takushoku Kaisha, se compromete a fornecer duas casas para o estabelecimento dessas escolas e residências dos respectivos professores, para o ensino da língua portuguesa.

Quinta – As terras ora doadas pela Câmara Municipal, não poderão ser utilizadas ou transferidas pela Brasil Takushoku Kaisha para outros fins que não sejam a de colonização.

Sexta – No caso de dissolução ou extinção da Brasil Takushoku Kaisha, ou de proibição de funcionar na República devidamente povoada por documentos ou informações fidedignas, as terras ora doadas, bem como as benfeitorias existentes, menos os lotes pertencentes aos colonos, ainda que sejam por títulos provisórios, será por lei sem condição alguma ou direito a indenização por parte da Brasil Takushoku Kaisha, incorporados ao patrimônio municipal e assim, considerada extinta a doação.

Sétima – Salvo os casos que este contrato prevê, as partes contratantes ficam sujeitas as leis federais, estaduais e municipais, que lhes foram aplicáveis em face do seu objeto.

Oitava – Tem escolhido o foro desta comarca de Iguape, para assim ser resolvida qualquer questão que se suscitar entre as partes contratantes.

Nona – Os sambaquis, ou jazidas de casacas para fabrico de cal, existentes em Jypuvura, ficam reservadas ao município para explorar quando e como lhe convenha.

Compreende - se que, as clausulas impõe condições a serem cumpridas tanto pela companhia de terras como para o colono que será instalado nesse lugar, pois sendo uma área ainda que doada, está sob a égide da legislação Municipal, Estadual e Federal, comum a todos os cidadãos brasileiros ou estrangeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Tribuna de Santos 20/6/1982. Disponível em : <<http://www.busca.uol.com.br>>, acesso em: 23 Set. 2007

ALMEIDA, Vicente Unzer de. **Condições de vida do pequeno agricultor no Município de Registro** (Registro Shokumenchi): Estudos de antropologia teórica e aplicada n°6, julho de 1957. Escola de Sociologia e política de São Paulo.

BRAGA, Roberto. **Planejamento regional no Estado de São Paulo. A experiência do Vale do ribeira nas décadas de 1970 e 1980**. São Paulo, FFLCH/USP, 1998. Tese de doutorado.

COLONIA IGUAPE, Álbum. **Trajetória dos imigrantes Japoneses no Vale do Ribeira**. 1913-1933.

FERREIRA, Ricardo Hirata. **Migrações internacionais: Brasil ou Japão, O movimento de inserção do dekassegui no espaço geográfico pelo consumo**. São Paulo, FFLCH/USP, 2007. Tese de Doutorado.

GLOBO RURAL: **Revista mensal de agropecuária**. São Paulo: ano 1, edição n.2, março 1988.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: História de sua vida no Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

JAPONESA, Imigração. [on line] Disponível na internet via URL: <http://www.googleimagens.com.br/> Arquivo capturado em 13 de agosto de 2008.

JAPONESES, Imigrantes. [on line] Disponível na internet via URL: <http://www.wikipédia.org/> Arquivo capturado em 18 de agosto de 2008.

JORNAL REGIONAL. **Centenário da imigração japonesa**: Publicação em comemoração aos 100 anos de imigração japonesa no Brasil e da História da colonização japonesa no Vale do Ribeira. Jornal Regional, Registro, 05 de Set. 2008.

MIDORIKAWA, Jorge T. **As colônias Japonesas na zona do Ribeira de Iguape**. São Paulo. 1928.

Murasse Celina Midori. **Processo imigratório no século XIX: Duplo caráter da imigração japonesa no Brasil**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 1993.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **Imigração japonesa na lavoura cafeeira paulista (1908-1922)**. São Paulo: Instituto de estudos brasileiros, 1973.

Resende, Tereza Hatue de. Ryu **Mizuno: saga japonesa em terras brasileiras**. Curitiba. 1991.

SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Editora Vozes, 1973.

Síntese Estatístico e Histórico do Município de Registro: Comissão **organizadora do 50º Aniversário da Colonização Japonesa no Vale do Ribeira de Iguape**. 1963.

SUZUQUI, Fernando Tadaaki. **A trajetória dos japoneses e suas contribuições no âmbito cultural para a cidade de Maringá**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá – PR, 2007.

Trabalho dos Japoneses nas Lavouras. Disponível em: <<http://www.JapãoBrasil.com.br>>, arquivo capturado em 22 set. 2007.

VIEIRA, Francisca Isabel Schurig. **O japonês na frente de expansão paulista: o processo de absorção do japonês em Marília**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1973.

GLOSSÁRIO

Bunkyo - "Representar a comunidade nipo-brasileira e promove a preservação e divulgação da cultura japonesa no Brasil e da brasileira no Japão, bem como incentivar e apoiar as iniciativas voltadas a esta finalidade" Bunkyo.

Bom Odori – é caracterizada como um festival de tradição Budista, onde se celebram as almas dos antepassados através de atividades recreativas, como danças coletivas como meio de lembrar dos antepassados.

Engakai – apresentação de danças e músicas japonesas

Mura – caracterizado como vila rural no Japão

Iti – um

Ni – dois

San – três

Yon – quatro

Go - cinco

Seicho-no-ie – Filosofia religiosa, cuja fundação se deu no Japão em meados de 1930, cujo significado se expressa pela palavra Lar do progredir infinito.

Undocai – Festival em comemoração a colonização japonesa em Registro, com realização de competições de práticas esportivas.

Tooro Nagashi – realizado no dia 2 de novembro, é uma homenagem aos mortos vítimas do Rio Ribeira de Iguape, sendo um culto ecumênico o qual é liberado pequenos barquinhos de papel contendo luzes, velas coloridas. Originalmente era um ritual Budista em homenagem as vitimas da bomba atômica no Japão.